

Esplendor e sepultura

"Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende."

João Guimarães Rosa

OTTO LARA RESENDE

Sem caturrice, qualquer um de nós, entre os milhões que viram e ouviram o debate de domingo passado, pode catar pulguinhas na fala dos candidatos. Ao contrário do que se diz, com o rádio e a televisão o brasileiro não está cometendo cada vez mais erros de linguagem. Os erros é que estão mais audíveis e mais visíveis com a televisão e o rádio. Somos descontraídos para falar, mas falamos mal e escrevemos pior. A tendência só pode ser a de melhorar, na medida que todo mundo corre o risco de ter de se exprimir de público, nem que seja naquelas entrevistas de rua em que o sujeito tem cinco segundos para dizer o que pensa sobre a eternidade.

No meu tempo de menino em Minas, o erro gramatical, ou a **batata**, como se dizia, era uma vergonha. A cincada de concordância ou de regência era imperdoável, mesmo falada diante de uma única testemunha. Escrita, desmoralizava qualquer um, logo tachado de analfabeto ou, para disfarçar, de apedeuta. Não quero dizer que não se cometiam erros. Cometiam-se, sim, até porque errar é humano. Ninguém, porém, permanecia no erro, porque permanecer no erro é diabólico. Hoje, falar certo é que pega mal. Nem professor, padre ou estadista escapa de cincas e batatas. O solecismo deixou de ser incompatível com a Presidência da República.

Para só dar exemplos destes últimos dias, juro que ouvi na televisão um professor universitário com a maior tranqüilidade começar uma frase assim: "Se você **interpor**...". Em seguida o mestre foi dormir tranqüilo. Um senador e um banqueiro, este por sinal dirigente da Federação dos Bancos, também na televisão, saíram-se outro dia com esta: "**Houveram** várias versões." Deve ser a inflação. Ninguém mais conhece o mínimo de Gramática para se exprimir com decoro. Ficou até feio um intelectual saber ortografia. Mesmo reformadíssima. Fonética. Escritores e jornalistas se orgulham de não saber a coisinha mais trivial em matéria de linguagem.

Diante disto, soa descabida a crítica aos candidatos que duelaram na televisão. O Lula, 11 anos depois que deixou o turno, demonstra um alto nível de competência para se exprimir. E um superdotado. Super mesmo. Chega a ser espantoso o progresso que fez esse brasileiro que não passou do terceiro ano primário. Ele tem precedentes, ainda que escassos. O nosso maior escritor, Machado de Assis, também não tinha curso regular. No fundo, todos os brasileiros somos autodidatas. A gente sabe o que estuda e sobretudo o que quer aprender.

Já o Collor, exprimindo-se de maneira empertigada, durante o debate hesitou aqui e ali, mas é articulado e se saiu bastante bem, **mercê** de seu histórico escolar. E de sua classe social, claro. Pela amostra que se vê e se ouve nos **clips** da televisão, ele é também um orador inflamado, e à velha moda, que contrasta com a frieza da **mass media**, que é **cool**, como se diz hoje em bom vernáculo. E deve ser convincente, pelo extraordinário sucesso eleitoral que colheu no primeiro turno por esse Brasil afora. Nem por isto deixou de soltar o seu cabeludo solecismo, quando em Porto Alegre disse alto e bom som, com **video-tape** e tudo, que "a polícia **interview**" no tumulto de Caxias do Sul. Policia caso de intervenção também da polícia gramatical...

Nas falas do Lula, como era fatal, também houve (ou houveram, Senador?) umas boas cincadas. Nenhuma me pareceu mais expressiva do que ouvir ele dizer "**menas** miséria".

Quando era obrigatório falar e escrever com um mínimo de correção, este era um erro clamoroso, que denunciava a falta de educação de quem o cometia. Todos os antigos meninos da classe média conhecíamos um bordão que parodiava o erro, com o fito de evitá-lo. Era assim: "Mais amor e **menas** confiança". Hoje, muitos jornalistas nem desconfiam que **colorir** é verbo defectivo. Aliás, que é mesmo verbo defectivo?

Fausto Cunha suspeita que, nesse distanciamento lingüístico, há um certo sentido nacional de rejeição a tudo. Ele anda indignado com o abuso de **colocação** e com a cretinice de **a nível de**. As duas besteiras se falam a três por dois, como a propósito de tudo se diz **super**. O Brasil vive hoje uma fase de supersuperlativos. Nada é bom; é superbom. Nada é legal; é superlegal. E palavra de honra que já ouvi uma linda vedete dizer que no palco, diante do público, se sente supersupersuper. Todo mundo entendeu, eu inclusive (e **inclusive** é hoje uma palavrinha que se mete por toda parte e que até começa a oração!). Na Universidade reina o maior desprezo pela Gramática, que ninguém quer ensinar. Por numerosas razões. Cito uma: ninguém sabe. Nem PhD em Letras sabe crasear.

O prof. José Luiz Fiorin há pouco tempo voltou à tese, já superada na URSS e na Europa do Leste, de que há uma linguagem burguesa e uma linguagem proletária, ou seja a língua do povão e a língua dos doutores. Ou do menino rico e do menino pobre. A tese me parece mais uma bobagem do marxismo de galinheiro, até porque o povão hoje em dia se exprime muito melhor do que os doutores. Como o português é uma língua pouco trabalhada, fora dos raros que cultivam o deserto da literatura, só agora vamos caminhando para a fixação de uma **língua geral**. Da minha parte, gostei do tratamento que o Collor e o Lula se deram no debate. Nada de excelências, ou nobre colega. Foram direto ao **você**.

Há tempos, Jô Soares interpretou mal um comentário que fiz sobre esse complicado probleminha dos pronomes de tratamento. Quem sabe eu é que me expressei mal. Um dia volto ao assunto com mais calma. Desde já repito que se trata de uma pedra no sapato (ou na boca) de todo brasileiro. Na Revolução de 1817, de que participou o dicionarista Moraes, o maior da língua, foi criado um Conselho Consultivo e ficou estabelecido que os conselheiros se tratariam mutuamente por **vós**. Vejam só — e eram revolucionários! O Padre Miguelinho, que já fazia manifestos como os intelectuais de hoje, escreveu uma proclamação que tinha o seguinte título singelo: "Preciso dos sucessos que tiveram lugar em Pernambuco, desde a Faustosíssima e Gloriosíssima Revolução operada na Praça do Recife, em que o Generoso Esforço dos Nossos Bravos Patriotas Exterminou daquela Parte do Brasil o Monstro Infernal da Tirania Real". Como diria Fernando Pedreira, haja maiúsculas (ou **hajam**, Senador?).

Longe de mim a pretensão de fazer patrulhamento gramatical. Aliás, que me perdôe o Cacá Diegues, que com tantos méritos dispensa o que não é dele, **patrulha ideológica** é uma expressão tão velha como a sé de Braga e muito frequente noutras línguas, a começar pelo francês. Não sou patrulheiro, até porque eu também erro e fico satisfeito quando me corrigem. Os erros cometidos no debate são uma ninharia que não compromete o exercício democrático. Muito pior, também em matéria de linguagem, se fez durante a ditadura castrense, que teve a adesão de tantos doutores. Achei natural que o Lula dissesse **menas** miséria. O povão entendeu e quer de **taic menas**, ou menos miséria, porque está supersofrido. A língua anda um descalabro. Mas no descalabro mesmo, superdescalabro, está mergulhado o Brasil. Então votemos, irmãos, para acabar com os solecismos sociais e políticos que nos governam. Votemos com sinceridade e consciência, para ter enfim um Presidente legítimo, arre! Nada de voto branco ou nulo.